

Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência



Silvia Zanatta Da Ros
Silvia Maheirie
Silvia Zanella
(Org.)



C/G 2 6 0 7 9 8 *

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLEÇÃO CADERNOS CED 11

Núcleo de Publicações – NUP
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Campus Universitário – Trindade
88010-970 – Florianópolis - SC / Brasil
Fone: (48) 3331-9586 – Fax: (48) 3331-9752
E-mail: nup@ced.ufsc.br
<http://www.perspectiva.ufsc.br>

Coordenadora do NUP
Olinda Evangelista

Organização deste número
Sílvia Zanatta Da Ros
Kátia Maheirie
Andréa Vieira Zanella

Editor Técnico
Séfora Bonetti

Revisão de português
Júlio César Ramos

Normalização
Joseane Chagas

Capa, arte e diagramação
Paulo Roberto da Silva

Ilustração de capa
Francyne Wolff Werner

Esta publicação contou com o
apoio financeiro da CAPES

Catálogo na publicação: joseane Chagas CRB 14/152

R382 **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência / [Organização de] Sílvia Zanatta Da Ros; Kátia Maheirie; Andréa Vieira Zanella. – Florianópolis : NUP/CED/UFSC, 2006.**

254p. : il. – (Coleção Cadernos CED ; v.11)

Inclui bibliografia.

ISBN 85-871-0331-8

1. Estética. 2. Memória. 3. Imaginário. I. Da Ros, Sílvia Zanatta (Org.). II. Maheirie, Kátia (Org.). III. Zanella, Andréa Vieira (Org.). IV. Série.

CDU: 18.01

Impresso no Brasil

Sumário

7 Introdução

13 Experience and memory: imaginary futures in the past
David Middleton e Steven D. Brown

Estética, imaginação e constituição do Sujeito

33 "Pode até ser flor se flor parece a quem o diga":
reflexões sobre Educação Estética e o processo de
constituição do sujeito

Andréa Vieira Zanella

49 Imaginário e Produção Imaginária: Reflexões em
educação
Angel Pino

77 A experiência do "impossível": uma estética do
"fracasso"
Anita Prado Koneski

85 Introduzindo a afetividade na reflexão sobre
estética, imaginação e constituição do sujeito
Bader Burihan Sawaia

95 Subjetividade, sujeito e atividade criadora: questões
para a formação continuada de educadores(as) na
abordagem sócio-histórica
Susana Inês Molon

Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito

Bader Burihan Sawaia¹

A arte é uma bela caixa de raridades, na qual a história do mundo passa diante de nossos olhos, suspensa nos fios invisíveis do tempo.

(Goethe)

O presente texto pretende introduzir mais uma categoria no tema da mesa “Estética, imaginação e constituição do sujeito”, qual seja: a afetividade. Com isso completa-se o tripé que sustenta aquilo que é irreduzível ao homem: sua capacidade de superar a fisicidade e as amarras do cotidiano e da natureza, transformando o existente, qualidade que para Vigotski é base da liberdade política e individual. Portanto, essas três funções do psiquismo humano configuram o que há de mais subversivo e borbulhante no interior do sujeito. E elas não são distintas. Afeto, estética e imaginação se transmutam uns nos outros, emergindo deste processo um sujeito e uma subjetividade, que saem do campo da epistemologia para mergulhar na ontologia. Em lugar da representação, o que temos é um sujeito da experiência, potência que sente, reage e cria.

Afetividade é categoria esquecida ou relegada à fonte de erro nas análises do homem em sociedade, postura teórica que encobre sua importante função na constituição do sujeito e de sua ação criadora e revolucionária. Ela compõe, com as outras duas (estética e a imaginação), a base da configuração da pessoa como potência de vida e criação. Sem essas três categorias, fetichiza-se o homem e a crítica social e a prática transformadora deslocam-se dos esforços e da ação deles e se direcionam exclusivamente às estruturas sociais e às culturas, que, assim, reificam-se.

Emoção e sentimento não são entidades absolutas ou lógicas do nosso psiquismo, elas constituem o sistema de afetividade, um universo

peculiar da configuração subjetiva das experiências vividas ao longo de nossas existências e das projetadas para o futuro como possibilidades que superam as nossas atividades. São fenômenos privados, mas sua gênese e consequências são sociais, como defende Vigotski (1993, 1997), constituindo-se em ponto de transmutação do social e do psicológico, da mente e do corpo, da experiência e da representação. São vividos no presente, mas as emoções do momento têm três temporalidades (passado, presente e futuro), o que significa que todas as experiências vividas no passado e as projetadas no futuro como esperança, possibilidade ou desamparo, medeiam os afetos do instante.

Vigotski inspirou-se em Espinosa, a quem admirava pela concepção monista, para elaborar suas reflexões sobre afetividade, superando as dicotomias clássicas da Psicologia do início do sec. 20. Segundo esse filósofo, a afetividade é a capacidade do homem de afetar e de ser afetado (*affectus*), ao mesmo tempo em que é o resultado corpóreo e mental dessas afecções, ao que ele denomina *affetio* (afeto): “Por afetos entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, secundada ou reprimida, e ao mesmo tempo as idéias dessas afecções.” (ESPINOSA, 1957, p. 144). Coerente com essa concepção, Espinosa (1957) concebe o sujeito como um grau de potência de expansão a qual corresponde um certo poder de ser afetado. E o que é importante destacar, o sujeito é uma potencialidade em ato, cuja realização se dá, exclusivamente, nos encontros (experiências), pois o homem não é causa de si, ao contrário, é da natureza do corpo e da alma ser afetado e afetar. Os encontros constituem, portanto, o que se pode chamar de intersubjetividade corporal.

Para entender tal postulado ontológico, é preciso completá-lo com a crítica feita por Espinosa (1988) acerca da concepção de sobrevivência darwiniana. Sobreviver é mais que se conservar vivo e reproduzir-se, é expandir-se. E, o que é mais importante, essa força de expandir a vida é potência e não deiscência. Isso significa que ela não é potencialidade natural que vai inexoravelmente amadurecendo. Ao contrário, a potência de vida é aumentada ou diminuída nos encontros com outros corpos e outras mentes, sofrendo a ação de idéias, superstições e ações do outro.

Afeto, portanto, é sempre uma transição, passagem de um estado de potência para outro; é imagem que provoca transformações de nossa

mente e corpo, aumentando ou diminuindo nossa potência de ação. E esta transição não é restrita ao âmbito pessoal e individual do cotidiano de cada um de nós, mas constitui a base do sistema ético-político de uma sociedade. Se estamos alegres, corpo, pensamento, impressões e imagens constituem um mundo alegre, aumentando nossa capacidade de agir; se tristes, essa capacidade é diminuída, podendo favorecer nossa submissão à vontade de outros.

Nessa perspectiva, é o afeto que promove a passagem da heteronomia passiva à autonomia corporal e intelectual, ou vice-versa, concepção que levou Espinosa (1957) a afirmar que a ética não vem de fora. É impulsionada pelos afetos que o homem decide se algo é bom e pode determinar se a ação deve ou não ser evitada. Não há ética, tampouco transformação social, independente dos afetos. Ambas estão relacionadas à nossa intesubjetividade corporal, isto é, capacidade de experimentar o mundo e de atuar sobre ele. Como essa capacidade não é deiscência, mas imanência que só existe na forma de ação por meio das relações sociais, ela depende da qualidade das mesmas, ao mesmo tempo em que as afeta, portanto, a expansão da potência de ação exige liberdade e criação. Em contrapartida, relações autoritárias e excludentes precisam inibir a imaginação, a sensibilidade estética, e bloquear os afetos, instalando uma política de cristalização da capacidade de afetar e ser afetado, para reproduzir-se. Daí se deduz que a resistência e a ação transformadora não estão somente na história ou na estrutura social, mas no *conatus*, no desejo de ser livre e de expandir, mas que só existe em estado determinado socialmente².

Perguntar por afeto é perguntar pelos poderosos processos que determinam os sujeitos como livres ou submissos, nas suas diferentes temporalidades: passado, presente e futuro.

Espinosa (1957, livro II e III) diz que o corpo é imaginante e memorioso, de forma que suas afecções atuais são originadas em todas aquelas intesubjetividades corporais, das quais temos consciência ou não, mas que ficam conservadas em nossa imaginação e subjetividade na forma de imagens identitárias ligada as emoções e afetos do momento.

O que a presente mesa está discutindo são as qualidades fundamentais que permitem ao homem esta potência de expansão e liberdade, destacando duas delas: estética e a imaginação. A primeira indica uma forma de conhecer e ser pela sensibilidade e a segunda, a criação, a produção e a liberdade como qualidades do sujeito. Este texto pretende introduzir a afetividade como uma terceira categoria que atravessa essas duas, defendendo a tese afirmada por Vigotski (1998) de que toda força criadora encerra elementos afetivos, e que é a afetividade que leva a experiência e a sensibilidade corpórea ao plano das funções psicológicas superiores, dando-lhes colorido, quer seja de sofrimento, quer seja de alegria. E Vigotski (1997; 1993a) vai ainda além. Indica que há uma outra função comum a essas três, destacando-a como a base de todas elas: a capacidade de significar e configurar sentidos.

A atividade de significar é uma expressão da atividade revolucionária, pois é base da liberdade. Permite ao homem distanciar-se das imagens fornecidas pela percepção e pela sensação imediata, libertar-se da fisicidade, da imediaticidade da realidade. É a capacidade de sinalização que lhe permite a atividade criadora, que faz do sujeito um ser projetado para o futuro.

Vigotski queria, como Freud, descobrir o exclusivamente humano. Para Freud o que é próprio do homem é o inconsciente e a necessidade social de recalá-lo. Para Vigotski, como para Espinosa, é a atividade revolucionária de ir além, de expansão, e a necessidade social de exprimi-la. É, portanto, energia criativa.

Vigotski (2001, p. 339) apresenta uma fé quase ilimitada na possibilidade de melhoria do homem. Entretanto, não tem um otimismo à Rousseau, do bom selvagem, que retrocede ao paraíso do homem primitivo, à simplicidade dele, mas à Goethe, ou seja, do homem que vai adiante, ao desenvolvimento humano e à maior complexidade da humanidade.

Para Vigotski, segundo Van der Veer e Valsiner (1991, p. 68)

A espécie humana não vai parar de arrastar-se de quatro diante de Deus, czares e do capital apenas para curvar-se obedientemente diante das leis sombrias da hereditariedade e da seleção sexual cega! [...] O homem estabelecerá para si a meta de domi-

nar seus próprios sentimentos, elevar os instintos à altura da consciência para torná-los transparentes, criar pontes entre a vontade e o oculto [...] e, assim, elevar-se a um novo nível – para criar um tipo biológico social “superior” – um super-homem.

Vê, também, o desenvolvimento tecnológico e científico como auxiliar deste processo. O homem, no processo de desenvolvimento, vai construindo recursos intelectuais, coletivos e técnicos que lhe permitirão banir o elemento escuro da produção e da ideologia, suplantando rotinas bárbaras, banir a inconsciência política. E ele também poderá, no futuro, combater o “elemento escuro abrigado no canto mais escuro da inconsciência – a natureza humana.” (VAN DER VEER; VALSINER, 1991, p. 68).

A arte é expressão máxima dessa qualidade, segundo Vigotski (1998). Nem poderia ser diferente. Crítico de arte, ele foi à psicologia em busca da compreensão da criatividade humana e da imaginação, apesar das determinações sociais, bem como de uma explicação da catarse para compreender a estética da recepção. Buscava uma concepção de arte que não fosse exclusivamente formalista, histórica ou sociológica, mas que analisasse a arte como “técnica das emoções”.

Chegando à psicologia, Vigotski (1991a) não encontra essa teoria e reclama explicitamente essa ausência, que ele atribui ao dualismo e ao reducionismo, perpetrados pelo antagonismo das teorias dominantes na psicologia da época, as quais não permitiam analisar o homem criador. Ele critica a reflexologia (intelectualistas) e a psicanálise (VIGOTSKI, 1991a), por enfatizarem apenas uma causa e adotarem uma única explicação do fenômeno psicológico, desconsiderando umas às outras, sustentando assim cisões retalhadoras do homem. Propõe-se a provocar uma revolução ontológica e epistemológica na psicologia da época, criando uma psicologia geral capaz de superar essas cisões, abrindo as teorias dominantes ao diálogo, o que só é possível, segundo ele, com o método dialético materialista. Segundo esse pensador russo (VIGOTSKI, 1998) a natureza dotou o homem de necessidade estéticas que possibilitam que ele tenha idéias, gostos e sensações. No entanto, não é possível estabelecer com exatidão que gostos, idéias e sensações ele vai ter, porque elas não são diretamente dedutíveis de sua natureza. Essa resposta só nos pode ser dada por uma interpretação materialista da história.

Nessa obra, ao refletir sobre a experiência estética, ele destaca o conceito de catarse, palavra tomada da poética de Aristóteles para designar a expressão sensível e afetiva produzida pela recepção da obra, e que não se limita à expressão das emoções ou à resolução de tensões afetivas, pois contribuem também para transformar as formas e os próprios processos de sensibilidade. O efeito da catarse é o da reorganização dos nexos entre as funções psicológicas superiores, mediada pelo sentimento e pela fantasia, impacto cognitivo e afetivo que se produz no sujeito. A catarse permite ao homem superar os seus limites particulares, levando-o à identificação com o gênero humano.

A concepção de Vigotski (1998, 2001) sobre catarse equipara-se à de Goethe (2000), exposta em seu ensaio “Comentário à poética de Aristóteles”, que integra a coletânea *Escritos sobre literatura*, no qual o autor discute a finalidade da arte (em especial a tragédia) e rejeita a idéia de que a catarse provocada por tragédias e romances trágicos de modo algum sossegam o espírito e suavizam as paixões, ao contrário elas deixam inquieto o ânimo.

Adélia Prado (apud ALVES, 2004) descreve igualmente o poder de transformação da estética: “Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra. Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou um poema.”

A arte suspende o homem de sua vida cotidiana, demonstrando que ele é mais rico que sua vida. A arte não distrai nossos sentimentos ou nos contagia, mas sim nos força a vencer sentimento. Daí a afirmação de Vigotski (1998, p. 310-313) de que as emoções da arte são “emoções inteligentes” e que a arte é a “técnica social dos sentimentos”.

A fruição da arte é a possibilidade de o indivíduo absorver a humanidade em toda a sua experiência acumulada e de sentir o prazer da beleza.

Em sua obra *Imaginación y el arte en la infancia*, Arte e imaginação na infância, Vigotski (1987) destaca a relação da função imaginativa com a experiência e com a emoção. Quanto à primeira, diz que a imaginação se alimenta de elementos extraídos da experiência acumulada pelos homens. A experiência é matéria com que se constrói a fantasia. Ademais, a imaginação amplia a experiência, permitindo ao sujeito se apropriar da experiência de outros. Ao falar da relação entre imaginação e

emoção, ele diz que a lógica interna dos sentimentos é o aspecto mais subjetivo da imaginação. Com base nessas reflexões, Vigotski (1987, 1993c) chega a elaborar a principal lei a que se subordina a função imaginativa: a atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem.

Nessa mesma obra, introduz um conceito muito rico e ainda pouco explorado de sua obra: a lei do signo emocional comum para explicar a influência do fator emocional nas combinações da imaginação. Tudo o que nos causa emoções coincidentes tende a se unir, mesmo que não se veja semelhança alguma entre elas. Resultam disso combinações de imagens baseadas em sentimentos comuns ou em um mesmo signo emocional aglutinador dos elementos heterogêneos que se vinculam e despertam em nós.

É importante ressaltar que o conceito de "signo emocional comum" refere-se à qualidade sígnica da emoção, isto é, a capacidade do homem de se tornar livre da materialidade objetiva dos fatos por estar no domínio dos signos e, assim, unir diferentes situações e idéias que provocam o mesmo sentimento. Como fala Vigotski (1991b), emoção superior só aparece porque o homem tem a capacidade de abstração conceptual que lhe permite superar o objeto pelo caráter mediado das funções psíquicas.

Ao se inserir, na reflexão sobre a constituição do sujeito, a estética, a imaginação e os afetos, estamos reconhecendo aos homens o seu direito de ter necessidades elevadas – a necessidade do belo, de dignidade – que são essenciais, apesar das exigências da luta pela sobrevivência, à cidadania e aos direitos humanos.

Falar de cidadania é falar de alegria e felicidade, e é também priorizar a imaginação e a criação.

Nessa concepção ontológica, o bloqueio dos encontros e da sensibilidade é a principal estratégia de captura e disciplinarização dos processos de subjetivação pelas forças sociais. Em contrapartida, oferecem, juntas, a base para a explicação da possibilidade de fuga da captura tanto das leis da natureza quanto das leis culturais.

Não se pode pensar a autonomia e a emancipação social sem a idéia de sujeito da estética, da imaginação e da experiência afetiva. Fora desse sujeito, sem ele, só há a submissão a um conjunto de mecanismos que expropriam o indivíduo de si.

A afetividade é, então, um conceito que não separa epistemologia da ética e da política, nem ciência de virtude. Todos sabemos que, sem a ética, a discussão da verdade isola-se da discussão do bom e justo, e sem a estética ela se torna asséptica. Os afetos são espaços de vivência da ética, pois qualificam as ações e as relações humanas. .

Em síntese, a arte é recurso para se atingir a liberdade e as mudanças pessoais e sociais por sua qualidade educativa e de técnica das emoções, uma vez que a experiência estética pode reorganizar sentimentos e vontades.

Daí a vantagem de se transformar a aprendizagem em catarse, uma experiência estética que transforma o pensamento e a sensibilidade, potencializando, dessa forma, a capacidade de ultrapassar as condições de existência favorecedoras da servidão, nas suas diferentes nuances.

Notas

- 1 Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
- 2 Espinosa (1957, livro III) coloca no centro da política o medo e a angústia da instabilidade do existir como uma ferida que impede a potência de ação , tanto do corpo individual quanto do social. Ver também Chauí (1987).

Referências

ALVES, Rubens. A complicada arte de ver. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 out. 2004. Caderno Sinapse.

BODEI, R. *Geometria de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad: filosofía y uso político*. México: Fondo de Cultura, 1995.

CHAUÍ, M. Sobre o Medo. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOETHE, J. W. Comentário à poética de Aristóteles. In: _____. *Escritos sobre literatura: seleção de Pedro Sússekind*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

ESPINOZA, B. *Ética*. 3. ed. São Paulo: Atenas, 1957.

ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1988.

GOETHE, J. W. Comentário à poética de Aristóteles. In: _____. *Escritos sobre literatura*: seleção de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SAWAIA, B. B. Para não esquecer do irreduzível humano: a subjetividade como idéia reguladora da reflexão sobre direitos humano e exclusão/inclusão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B.B. (Org.). *As artimanhas da exclusão*: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. Vygotsky: uma síntese. São Paulo, Loyola, 1991.

VIGOTSKI, L. S. El problema de la consciencia. In: _____. *Obras escogidas*: Madrid, Visor, 1991c. v.1.

_____. El problema del retraso mental. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1997. v. 5.

_____. El problema y el método de investigación. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1993b. v. 2.

_____. El significado histórico de la crisis de la psicología. una investigación metodológica. In: _____. *Obras Escogidas*. Madrid, Visor, 1991a. v.1.

_____. *Imaginación y el arte en la infancia*. Cidade do México: Hispanicas, 1987.

_____. La imaginación y su desarrollo en la edad infantil. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1993c. v. 2.

_____. Las emociones y su desarrollo en la edad infantil. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor 1993c. v. 2.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993a.

_____. Pensamiento e lenguaje. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1993a. v. 2.

_____. *Psicologia da arte*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Sobre los sistemas psicológicos. In: _____. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1991b. v. 1.

Bader Burihan Sawaia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Setor de Pós-Graduação.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

Rua Monte Alegre, 984. Perdizes

CEP: 05014901 – São Paulo. SP.

E-mail: badbusaw@pucsp.br